UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
Disciplina: Laboratório de História e Educação I - 2025/1
Alunas: Gabriela de Almeida e Nascimento, Gabriella Versiane Caria Dias e Flávia Aparecida Branco da Silva

Roteiro do jogo “Resistências na Ditadura Militar (1964-1985)”

Link do material didático criado: https://forms.gle/hEmdxmxA6fqMiVxs9

Resistência na Ditadura

De acordo com o historiador Rodrigo Patto Sá Motta em seu livro "Passados presentes: o golpe de 1964 e a ditadura militar", o conceito de resistência à Ditadura Militar pode ser considerado como a rejeição e a oposição ao regime, podendo ser aberta ou disfarçada, violenta ou pacífica. Sendo assim, ela pode ser encontrada em diferentes tipos de práticas e em diferentes grupos sociais.

Movimento Estudantil

Após o golpe de 1964, o Movimento Estudantil se viu extremamente reprimido tendo a sede da UNE (União Nacional dos Estudantes) incendiada e depredada pelos militares e posteriormente sendo levada à ilegalidade. Estudantes vistos como subversivos eram presos de forma arbitrária e muitos deles foram torturados e mortos. No entanto, ainda assim esse movimento permaneceu organizado e atuou como oposição ao regime ao longo de todo o período, ainda que de forma clandestina. Durante os primeiros 4 anos, o movimento se viu atuando principalmente na resistência política intelectual com a produção de periódicos, a distribuição de panfletos e a realização de debates e protestos pacíficos. Seu ponto de virada para uma atuação mais combativa foi a morte do estudante Edson Luís em 1968 em uma manifestação estudantil. A partir desse momento, há um crescimento na adesão às manifestações e à luta armada contra a ditadura como no caso das guerrilhas urbanas e rurais que confrontavam de forma mais direta e violenta o regime.

Fonte: Arquivo Nacional

Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

2- Qual a forma de resistência adotada por este grupo nesta fonte? O que ela poderia estar contestando dentro do regime militar?

3- Qual a importância da UNE para o Movimento Estudantil? Reflita como essa organização foi afetada com o AI-5.

4- Produzam um panfleto baseando-se nas reivindicações do Movimento Estudantil durante o período ditatorial.

Movimento GLS e Feminista

O movimento LGBT+ nos anos 1970 e 1980 apresentava características bastante distintas do que conhecemos atualmente. A começar pelas siglas e denominações utilizadas na época: inicialmente chamado de Movimento Guei, posteriormente passou a ser conhecido como

GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Somente com os debates mais amplos sobre gênero e sexualidade, desenvolvidos nas décadas de 1990 e 2000, a sigla foi gradualmente transformada até chegar ao formato atual.

Durante a ditadura, a homossexualidade era associada à subversão moral e política. A repressão incluiu prisões arbitrárias, internações em hospitais psiquiátricos, "tratamentos de cura" como eletrochoques e terapias aversivas, e a censura de manifestações culturais com temática homoerótica. A polícia frequentemente realizava batidas em locais frequentados por homossexuais, como boates, cinemas e bares. Travestis eram particularmente visadas, sendo presas sob leis de vadiagem e atentado ao pudor. A ditadura criou uma narrativa onde a homossexualidade era vista como uma ameaça à segurança nacional e aos valores da “família tradicional brasileira”. A repressão era alimentada por discursos conservadores religiosos e por um aparato repressivo estatal que incluía o Serviço Nacional de Informações (SNI), a Polícia Federal e o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR). A homossexualidade era patologizada e moralmente condenada.

Apesar da repressão, houve resistências marcantes. Artistas como Ney Matogrosso, o grupo Dzi Croquettes e figuras como Madame Satã desafiaram os estereótipos de gênero e sexualidade com sua arte e postura pública. A arte e a performance foram formas de resistência e afirmação da identidade gay.

Uma questão de cultura

"Qualquer revista deve a si mesma e aos seus leitores um momento para definir sua posição e tornar clara a sua filosofia editorial. Nós achamos que ser homossexual é ser normal; que os homossexuais têm uma cultura na qual os heterossexuais existem apenas perifericamente, tal como os homossexuais no mundo heterossexual. Nosso alvo é informar e entreter, nós deixamos a militância aos militantes e a pregação aos pastores. A única bandeira que empunhamos é aquela que reafirma os aspectos positivos do ser homossexual". O que você sempre encontrará em nossas páginas é uma reafirmação: de que há 20 milhões de nós espalhados por este país, portanto, você não está só; de que cada um de nós é uma parte deste todo; e de que ser homossexual é tão comum quanto ter olhos castanhos ou ser canhoto."

A revista norte-americana **In Touch**, 60 mil exemplares bimestrais, dirigida ao público masculino homossexual, abre um de seus números com este editorial. Tal como a sua concorrente **Blueboy** (veja LAMPIÃO nº 2), ela é uma **Status** versão gueí, "made in USA", contendo seções fixas, matérias variadas e sempre adornada com fotos de nus masculinos. Seu conteúdo oscila entre supérfluo ("Os dez homens mais sexy do mundo") e matérias de interesse, geralmente bem redigidas, tais como: "Oscar Wilde", de Robert K. Martin, que endossa o testemunho pessoal de André Gide em "Se o Grão Não Morre". Martin diz que Wilde foi condenado na Inglaterra vitoriana, não tanto por praticar "o amor que não ousa dizer seu nome", quanto por fazê-lo público (a matéria tem esta epígrafe: seu "crime" não era tanto ser homossexual, mas se comportar como tal) e por ter confiado cegamente em certos amigos, em especial, no mais íntimo: o lorde Alfred Douglas, cujo pai foi seu principal acusador, e em certos rapazinhos que vieram a testemunhar contra ele com o mesmo entusiasmo com que antes frequentavam o seu círculo. Gide em seu livro realça a dependência psicológica de Wilde por Douglas na época, e enfatiza o contraste entre os dois-Wilde, inteligente, sensível, e Douglas, frívolo, egoísta.

Outras matérias destacáveis são: "A Cultura Gino-Gueí", que analisa a contribuição das mulheres à cultura homossexual; "A Cidade Esmeralda", um novo programa de TV por cabo de Nova Iorque feito por e sobre gueis, no qual pela centésima vez (nos EUA) se desfaz a lenda (ainda muito em voga no Brasil) de que os homossexuais se dividem em passivos e ativos; em "Cary Grant" se desmitifica um ídolo. Há, ainda, várias reportagens com artistas entendidos e seus trabalhos de fotografia, desenho, pintura, escultura.

Entre as seções fixas, a mais interessante é a "people" (Gente), que apresenta as experiências profissionais de pessoas comuns: um jovem descendente de italianos já fez de tudo, foi barman, strip-teaser e go-go-boy em boates, foi balconista de várias lojas e vendedor ambulante, iluminador e somoplasta em teatro. Entre esses e outros empregos ele sonha ser artista. Bernie Orlando vive se embaraçando, literalmente, pois ganha a vida em **shows** circenses se livrando, em tempo recorde, de cordas, camisas de força, correntes atadas com cadeado, sob um peso de chumbo, no fundo de um aquário, e ainda vestido como um travesti caricato. Bernie é sempre um sucesso e declara que gosta muito do que faz. Dean Tait tira seu sustento de seu próprio corpo, ganhou prêmios em concursos de halterofilismo e daí passou a ser convidado com frequência para exibi-lo no teatro, cinema e literatura pornô. Para manter seu sustento, Dean tem que fazer dieta permanente, treinar quatro horas por dia, e já fez até aplicações de silicone para aumentar certas partes do corpo que ele considera fundamentais para a sua boa apresentação, já que seu corpo é o seu "único" instrumento de trabalho.

Outras seções fixas: "Introducing" (Introduzindo), a seção de nus, procura apresentar os rapazes com naturalidade, revelando seus nomes, origem, profissão, idéias, anseios, enfim, mostrando gente que tem alma além do belo corpo (evitando confundi-los com bonecos inflados a silicone); "Nightlife" é um roteiro da vida noturna das principais cidades dos EUA; "World Report", críticas e informes dos principais eventos turísticos em transcurso no mundo. Nada sobre o Terceiro Mundo (por enquanto). **In Touch**, revista bimestral, 100 pg., PO Box § 1228, Hollywood, Ca. USA. (**Paulo Sérgio Pestana**)

Página 4

Fonte: Jornal Lampião da Esquina – 3ª edição, julho-agosto de 1978. Grupo Dignidade – Centro de Documentação. Disponível em: https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/3-ed-jornal-lampiao-da-esquina-julho-agosto-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=3&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D.

Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

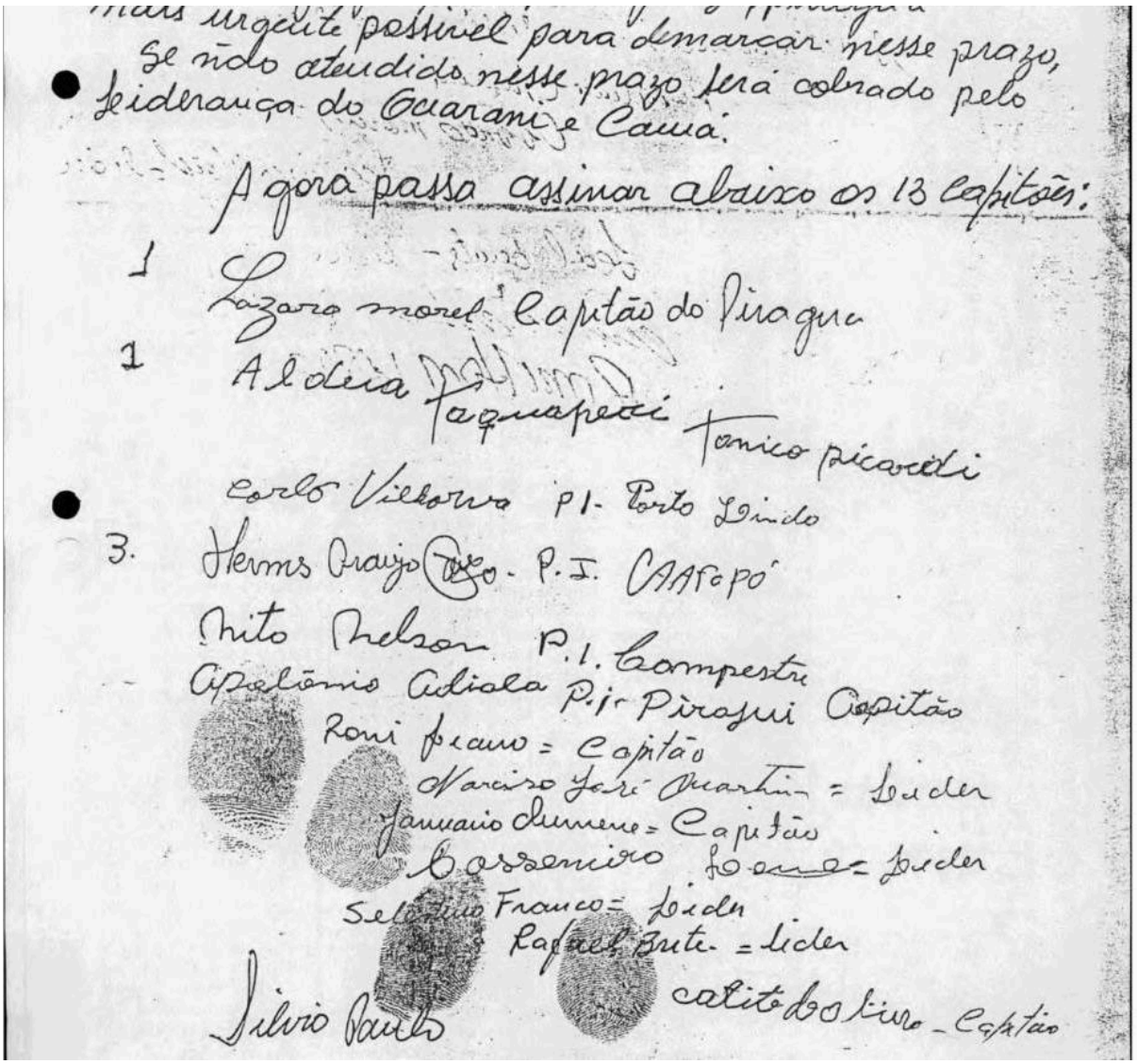
2- Qual a forma de resistência adotada por este grupo nesta fonte? O que ela poderia estar contestando dentro do regime militar?

3- Analise o texto da fonte anexada e relacione-o com os conhecimento aprendidos em aula

4- Pesquise: como funcionava a repressão do governo militar a esse grupo?

Movimento Indígena

Os povos indígenas foram extremamente vitimados pelo projeto desenvolvimentista da Ditadura Militar, criando-se uma visão deles como obstáculos para o progresso do país. Suas terras foram invadidas por grileiros e posseiros ou mesmo deslocadas à força. Além disso, foram alvo de violações aos direitos humanos como prisões arbitrárias, torturas e assassinatos com muitas etnias praticamente sendo exterminadas. Nos anos 70, seu movimento ganha força no palco político com a mobilização e coordenação de suas lideranças para reivindicar suas demandas nas instituições e assembleias públicas, a articulação com organizações missionárias ou pró-indígenas e a busca por denunciar e atrair a atenção pública para os crimes cometidos contra eles tanto nacional quanto internacionalmente. Lutando contra a política de tutela evidenciada na FUNAI (Fundação Nacional do Índio) que estava alinhada às políticas do regime militar, os povos indígenas reivindicaram sua independência e autonomia mesmo com o fim da Ditadura e a Redemocratização buscando assumir a organização e discussão das políticas indigenistas.



Fonte: ASI/Funai, DTR.39, p. 13. - Agosto de 1985

Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

2- Qual a forma de resistência adotada por este grupo nesta fonte? O que ela poderia estar contestando ou reivindicando dentro do regime militar?

3- Quem são as pessoas fazendo essa reivindicação e como elas são identificadas na fonte? O que isso demonstra sobre essa forma de resistência?

4- Releia o trecho: “Se não atendido nesse prazo será cobrado pela liderança do Guarani e Caiuá (Kaiowá).” Pesquise um pouco sobre essa etnia indígena e o contexto social e territorial em que estão inseridos.

Movimento Negro

A Ditadura Militar brasileira (1964–1985) atuou para impedir a consolidação de um movimento negro organizado, a partir da repressão sistemática promovida por órgãos como o SNI (Serviço Nacional de Informações) e suas consequências políticas e sociais. Registros oficiais de vigilância e repressão contra lideranças e ações do Movimento Negro Unificado (MNU) podem ser encontrados no Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN), revelando como o Estado brasileiro vigiava e criminalizava os sujeitos negros engajados politicamente. A caracterização dessas pessoas como "subversivas" ou "perigosas" mostra como o aparato repressivo via a organização racial como uma ameaça à ordem vigente. O MNU baseava-se em uma luta socialista associada a luta antirracista, entendendo que era preciso romper com o sistema capitalista para construir uma sociedade sem desigualdades. Ele se mobilizou contra o autoritarismo e incentivou denúncias públicas de racismo e teve como principais ativistas do Movimento Negro Unificado foram: Lélia Gonzalez, Thereza Santos, Abdias do Nascimento e Milton Barbosa, cujo uma das pautas era a crítica à ideia de democracia racial.

DOCUMENTO CONFIDENCIAL DA SNI PEDIDO DE BUSCA Nº 136/119/76/ARJ(Agência RJ)/SNI

Data: 19/10/76

Assunto: BLACK RIO

DIFUSÃO: 1 Ex/2a Sec – CISA – CENIMAR – SSP/DGIE/RJ – SR/DPF/RJPMERJ/2ª Sec

1 – DADOS CONHECIDOS

a – Estaria tomando vulto, na cidade do Rio de Janeiro, um movimento centralizado [centralizado] de elementos da raça negra sob o nome de BLACK RIO.

Segundo o PB, o assunto teria sido reportado no JB [Jornal do Brasil] (17/07 e 03 e 27/08/76 e na Revista Manchete nº 1273 de 11/09/76, citando várias pessoas, entre elas Toni Tornado, Paulo Santos e José Luiz Ferreira (donos da equipe de som), Paulo Correia, da Tapecar, Lena Frias. (SNI, 1976)

Fonte: APERJ, 2011, pasta 252, f.

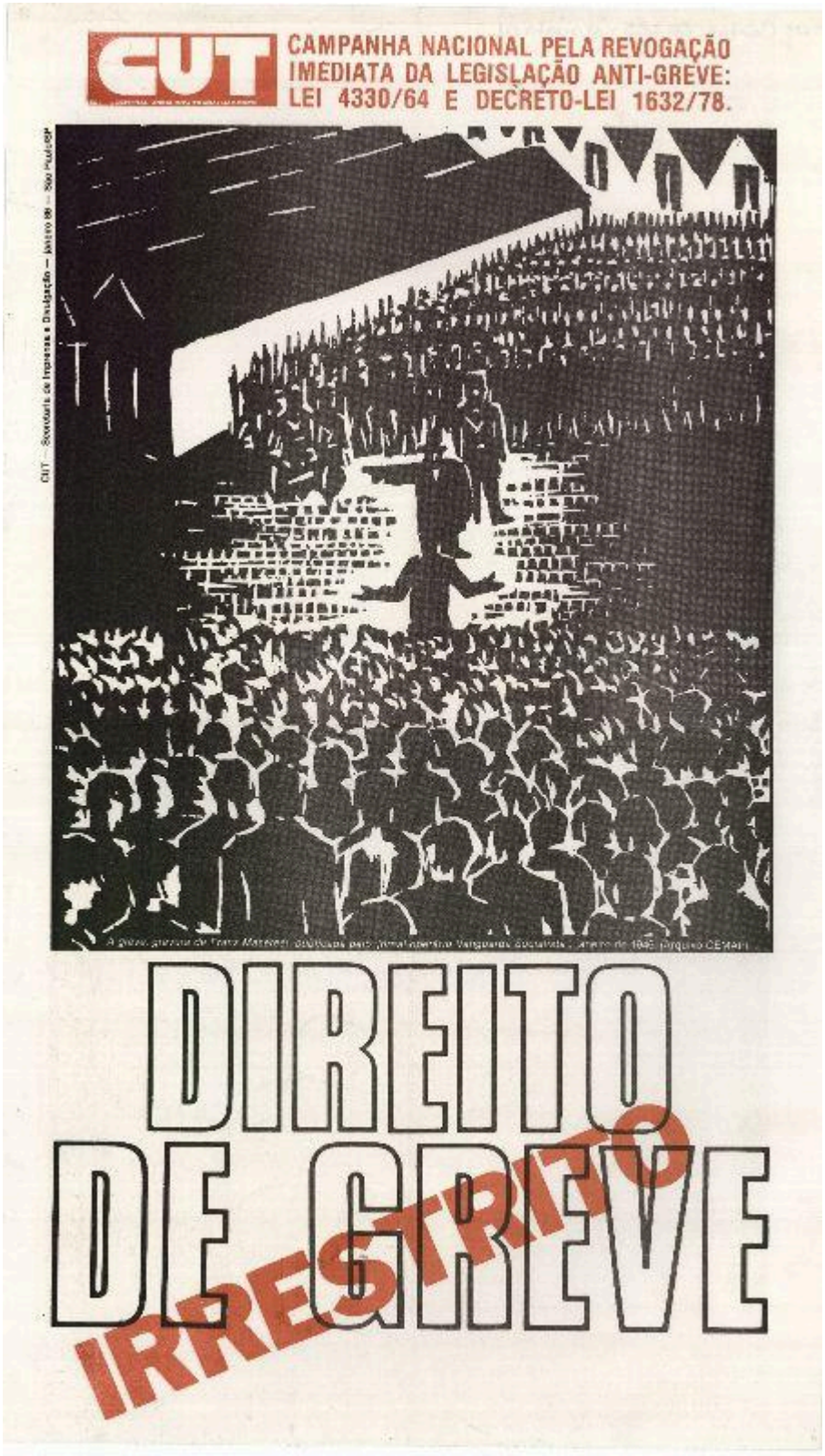
Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

2- Pesquise o movimento Black Rio e escreva dois parágrafos explicando o que foi e quais suas contribuições para o movimento negro durante a ditadura
3- Qual a forma de resistência adotada pelo Black Rio? O que estavam contestando dentro do regime militar?
4- Escolha um dos ativistas do Movimento Negro Unificado citado no texto de introdução e escreva três parágrafos sobre sua biografia, contribuições para o movimento e as ideias defendidas.

Movimento Operário

Os trabalhadores e sindicatos foram um dos grupos mais perseguidos durante a Ditadura Militar brasileira. Um dos projetos político-econômico dos militares era a repressão ao movimento operário como forma de garantir o desenvolvimento do país. Desde a instauração do regime, medidas foram tomadas para que esse projeto avançasse, sobretudo com a criação de leis e decretos que diminuíram seus direitos políticos e interviam sobre a organização sindical. A partir da associação entre empresários, agentes da repressão e interventores nos sindicatos, permitiu-se maior controle patronal dos operários que eram contra o regime, ocasionando na ameaça constante da demissão, além de casos de prisão e tortura de líderes do movimento. A principal reivindicação dos trabalhadores era contra o arrocho salarial, medida implementada nesse período para limitar o aumento dos salários. Durante a década de 1960, as greves operárias tomaram vez no cenário brasileiro como forma de luta por direitos trabalhistas e resistência ao regime, mesmo com sua ilegalidade. A Greve de 68 foi a primeira grande greve da ditadura, em que trabalhadores de Contagem e região protestaram contra o arrocho salarial, sendo acompanhados, posteriormente, pelos operários de Osasco. Com a maior intensificação da resistência operária durante a década de 1970, a Greve dos Metalúrgicos do ABC de 1979 foi um dos marcos mais importantes contra o regime ditatorial, levando milhares de trabalhadores e dezenas de fábricas a pararem, contribuindo para o aumento da força da oposição e trilhando novos caminhos para a abertura política.



Fonte: Arquivo CEDOC - CUT

Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

2- Qual a forma de resistência adotada por este grupo nesta fonte? O que ela poderia estar contestando dentro do regime militar?
3- Qual a importância das greves nesse período?
4- Pesquisem sobre a legislação citada na fonte e comentem sobre seu impacto no Movimento Operário.

Movimento Camponês

A grande esperança - Composição de Goiá e Francisco Lázaro (1965)

A classe roceira e a classe operária
Ansiosas esperam a reforma agrária
Sabendo que ela dará solução
Para situação que está precária.
Saindo projeto do chão brasileiro
De cada roceiro ganhar sua área
Sei que miséria ninguém viveria
E a produção já aumentaria
Quinhentos por cento até na pecuária!

Esta grande crise que a tempo surgiu
Maltrata o caboclo ferindo seu brio
Dentro de um país rico e altaneiro,
Morrem brasileiros de fome e de frio.
Em nossas cidades ricas em imóveis
Milhões de automóveis já se produziu,
Enquanto o coitado do pobre operário
Vive apertado ganhando salário,
Que sobe depois que tudo subiu!

Nosso lavrador que vive do chão
Só tem a metade da sua produção
Porque a semente que ele semeia
Tem quer à meia com o seu patrão!
O nosso roceiro vive num dilema

E o problema não tem solução
Porque o ricaço que vive folgado
Acha que projeto se for assinado,
Estará ferindo a Constituição!

Mas grande esperança o povo conduz
E pede a Jesus pela oração,
Pra guiar o pobre por onde ele trilha,
E para a família não faltar o pão.
Que eles não deixam o capitalismo
Levar ao abismo a nossa nação,
A desigualdade aqui é tamanha
Enquanto o ricaço não sabe o que ganha
O pobre do pobre vive de ilusão!

Perguntas:

1- Qual o tipo de fonte?

2- Qual a forma de resistência adotada por este grupo nesta fonte? O que ela poderia estar contestando dentro do regime militar?

3- Qual a reivindicação feita pelos compositores? Partindo da fonte, pense em quais seriam os impactos dessa demanda para esse movimento social?

4- A fonte trata apenas do Movimento Camponês? O que isso pode indicar na sua opinião?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
Disciplina: Laboratório de História e Educação I - 2025/1
Alunas: Gabriela de Almeida e Nascimento, Gabriella Versiane Caria Dias e Flávia Aparecida Branco da Silva

Plano de aula

Disciplina: História **Série:** 3º ano do Ensino Médio

Conteúdo: Movimentos sociais de resistência na ditadura militar brasileira de 1964 a 1985
Duração: 3 aulas
Link do material didático criado: https://forms.gle/hEmdxmxA6fqMiVxs9

Objetivos gerais:

1- Discutir a participação dos movimentos sociais como modo de resistência à ditadura militar brasileira.
2- Entender a contribuição dos movimentos sociais para a redemocratização.
3- Possibilitar o contato com diferentes tipos de fontes históricas.
4- Desenvolver habilidades de análise de fontes.

Competências BNCC:

Competência 1: Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Habilidades:

- (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
- (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes

conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

- (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
- (EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Competência 5: Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

Habilidades:

- (EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
- (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
- (EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
- (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Resumo do conteúdo a ser trabalhado:

Este plano de estudo foi pensado para três aulas. A primeira mobilizará os conceitos de "adesão", "resistência" e "acomodação" do historiador Rodrigo Patto em sua obra "Passados presentes". Em síntese, a adesão é o apoio direto ao regime militar, por afinidade ideológica, interesse econômico ou desejo de manter a ordem; a resistência é a rejeição e a oposição ao regime, podendo ser aberta ou disfarçada, violenta ou pacífica; e a acomodação é a postura de quem não apoia o regime, mas também não o enfrenta diretamente, buscando sobreviver dentro do sistema.

Após a explicação e aprofundamento dos conceitos, o docente utilizará da resistência e suas diferentes formas de atuação para ensinar sobre os movimentos sociais no período da Ditadura. Os principais abordados serão: movimento estudantil, negro, GLS, rural, operário e indígena.

Avaliação

A atividade valerá 10 pontos e se dividirá em duas partes:

1- Participação: participar ativamente do jogo, discutindo e respondendo em grupo na aula 2 (5 pontos);

2- Apresentação: compreensão do conteúdo, responder a todas as perguntas, compreender os movimentos de resistência e apresentar os resultados obtidos em sala da atividade na aula 3 (5 pontos).

Metodologia

Este plano de estudo foi pensado para três aulas. A primeira será expositiva, mobilizando os conceitos de "adesão", "resistência" e "acomodação" do historiador Rodrigo Patto em sua obra "Passados presentes". Após a explicação e aprofundamento dos conceitos, o docente utilizará da resistência para ensinar sobre os movimentos sociais. Os principais abordados serão: movimento estudantil, negro, GLS, rural, operário e indígena.

Na aula seguinte haverá a apresentação e realização do jogo em que, a partir do que foi explicado sobre a resistência na Ditadura Militar, os alunos se reunirão em grupos de 4 ou 5 pessoas para aplicar os conhecimentos. Eles deverão montar seus personagens e analisar as fontes históricas mobilizadas para cada movimento.

A terceira aula será a apresentação e discussão dos resultados obtidos em sala de aula com a mediação do professor.

Recursos necessários

Equipamento eletrônico, internet e quadro.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Eduardo Alberto de. Os gueis na Ditadura Civil-Militar brasileira: resistências. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 62–79, 2019.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 4 jun. 2025.

DE ANDRADE, Nayara Carla. A RESISTÊNCIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NA DITADURA MILITAR BRASILEIRA. Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2019.

DE SOUZA CORNE, Julia; DA SILVA, José Fernando Siqueira. Questão indígena e ditadura cívico-militar (1964-1985) no Brasil. Serviço Social em Revista, v. 25, n. 2, p. 381-400, 2022.

EVANGELISTA, Breno Luiz Tommasi. VIOLÊNCIA ESTATAL E RESISTÊNCIA INDÍGENA NA PRIMEIRA REPÚBLICA E NA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA. Revista Transversos. Rio de Janeiro, v. 55, 2022.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Jornal Lampião da Esquina – 3ª edição, julho-agosto de 1978. Grupo Dignidade – Centro de Documentação. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. Trabalhadores do campo, luta pela terra e o regime civil-militar. In Pinheiro, Milton (org.). Ditadura: o que resta da transição. São Paulo: Boitempo, 2014, p.195-229.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Passados presentes: *o golpe de 1964 e a ditadura militar.* 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NALLI, João Marcos Carvalho. Impactos da ditadura militar 64 no movimento negro. Anais do Práxis Itinerante, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, [2024]. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/praxis/article/view/4189/3860>. Acesso em: 3 jun. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: história do regime militar brasileiro. São Paulo: Contexto, 2014, p. 281-312.

NOVAK, Éder da Silva et al. Mobilização e protagonismo indígena na ditadura militar: ações das etnias do Mato Grosso do Sul. 2021.

SCHUARTZ, Clara Monteiro. Ano 5 nº 01/2024: Mês da Mentira - A Repressão ao Movimento Operário em abril de 1964. FFLCH GMARX, 2024. Disponível em: <https://gmarx.fflch.usp.br/boletim-ano5-01>. Acesso em: 04 de jun. de 2025.

SILVA, Taís Fernanda Pereira da; PONCE, Gabriel Luiz. *Educação histórica e política: os(as) negros(as) na ditadura militar do Brasil*. PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, [s.d.]. Disponível em: <https://pibid.ufms.br/educacao-historica-e-politica-os-as-negros-as-na-ditadura-militar-do-brasil1/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Estruturas intocadas: racismo e ditadura no Rio de Janeiro. Revista Direito e Práxis , v. 1054-1079, 2018.

VALLE, Maria Ribeiro do. O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar em 1968. 1997.